

Aprendendo o que faz sentido



A escola deve oferecer experiência diversificada, diz Maria Malta

BELO HORIZONTE – A entrada da criança na escola é um marco, determinado pelo seu primeiro contato fora da família. Por isso, é preciso escolher com cuidado a instituição que vai ajudar a desvendar o mundo. “A criança aprende é na interação com as coisas a sua volta. E a escola tem que estar pronta para escutar tudo o que a criança busca”, ensina Maria Elena Latalisa, uma das diretoras da Escola Balão Vermelho, que há 25 anos trabalha com a educação infantil.

Com uma das mais inovadoras pedagogias de ensino do país, a escola atende hoje a mais de 600 crianças do maternal à 4ª série na capital mineira; além de multiplicar suas experiências através do Centro de Pesquisa e Formação de Educadores. Maria Elena calcula que cerca de 10 mil professores de todo o Brasil já passaram pelo centro, em pelo menos um dos cursos, palestras ou congressos (nacionais e internacionais) organizados pelo Balão Vermelho.

O sucesso da escola vem de uma concepção diferente de ensino. Baseadas em Piaget, as professoras do Balão se debruçaram sobre o construtivismo para elaborar a pedagogia da instituição. “A criança só aprende aquilo que faz sentido para ela. E por isso é preciso partir do que a criança já

construiu para levá-la ao aprendizado”, afirma a diretora.

Não parece fácil entender as transformações propostas pelos educadores do Balão Vermelho, mas é em sala de aula que as diferenças aparecem: meninos de três anos discutindo uma matéria de jornal ou de cinco estudando a Grécia Antiga fazem parte do cotidiano dessa escola diferente.

Maria Elena explica: “O conhecimento se dá numa interação da criança – sujeito do aprendizado – com a cultura. Então, cai por terra a pedagogia do livro didático, que tem que ser seguido com exercícios repetitivos”. O resultado de toda essa revolução que ocorre nas salas de aula do Balão Vermelho está na chamada Pedagogia dos Projetos, através da qual os alunos são envolvidos na construção e avaliação de projetos que dão sentido às atividades de sala de aula.

Projetos como a confecção de uma salada de frutas para estudar a complicada fração matemática fazem com que as atividades de sala de aula deixem de ter um objetivo meramente escolar para ser uma necessidade prática das crianças. Com um trabalho cooperativo em que as crianças participam das decisões dentro da escola, o Balão consegue de seus alunos um comprometimento com as aulas e com o conteúdo dado.

No construtivismo, o trabalho dos professores deixa de ser o de mestre que sufoca as crianças com conteúdos para transformar-se no de condutor da interação do aluno com a informação. Tarefa que exige trabalho e dedicação. Para criar profissionais prontos para a nova pedagogia, o Balão Vermelho criou um curso de Magistério, que tem hoje 42 alunos. A seleção dos alunos não depende de habilidades técnicas ou teóricas que eles apresentem, mas dos conhecimentos culturais que tragam na bagagem.

Na contramão da formação profissional oferecida pelo Balão Vermelho e exigida por grande parte dos educadores que lidam com a pré-escola, está o Plano Nacional de Educação do governo federal, que pretende abolir das determinações legais a exigência de qualificação profissional para professores do pré-escolar.

“Se a educação infantil é tão importante para a formação da criança é óbvio que ela precisa ser oferecida por profissionais bem formados e com um plano de salários decente”, contesta Maria Malta Campos, presidente da Amped. O novo Plano Nacional de Educação deve ser discutido no Congresso na próxima terça-feira, e os educadores prometem muita briga para impedir as mudanças propostas pelo governo.